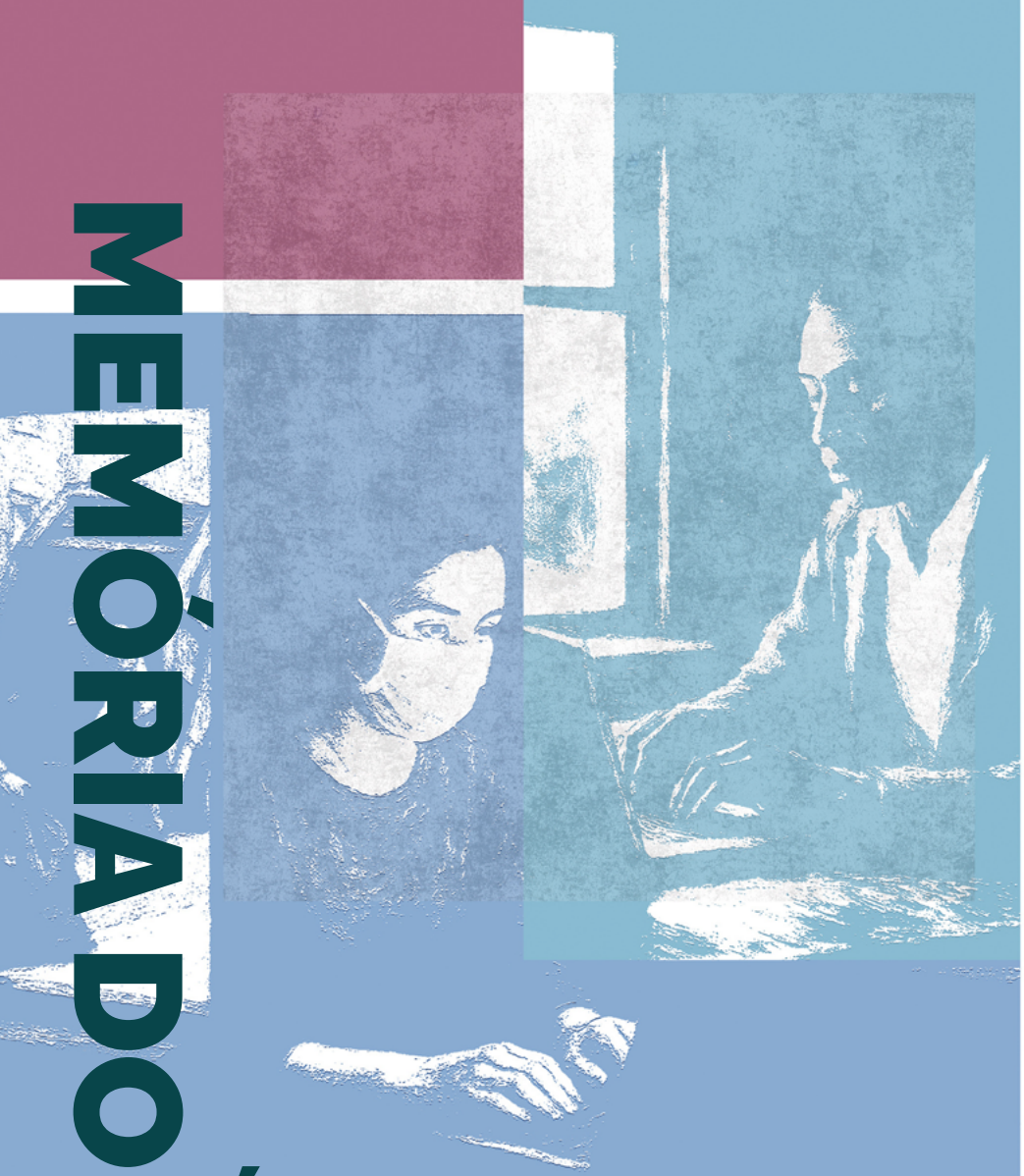
MEMÓRIA DO OFÍCIO DOCENTE

na Pandemia do Covid-19









FERNANDA SPANIER AMADOR
MARIA CAROLINA DE ANDRADE FREITAS
MARIA ELIZABETH BARROS DE BARROS
FABIO HEBERT DA SILVA
(Orgs.)

pimenta cultural

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

M533

Memória do Ofício Docente na Pandemia de Covid-19 / Organização Fernanda Spanier Amador... [et al.]. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Maria Carolina de Andrade Freitas, Maria Elizabeth Barros de Barros, Fabio Hebert da Silva.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-506-0
DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0

1. Memória. 2. Ofício Docente. 3. Pandemia de Covid-19. 4. Narratividade. 5. Clínicas do Trabalho. I. Amador, Fernanda Spanier (Org.). II. Freitas, Maria Carolina de Andrade (Org.). III. Barros, Maria Elizabeth Barros de (Org.). IV. Silva, Fabio Hebert da (Org.). V. Título.

CDD 371.102

Índice para catálogo sistemático:
I. Educação – Prática Docente
II. Pandemia - Covid-19
Simone Sales • Bibliotecária • CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<*https://creativecommons.org/licenses/*>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Estagiária editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Imagens da capa	Paulo Carim Bevilacqua
Tipografias	Acumin, Raleway, Gloria Hallelujah
Revisão	Milena Domingos
Organizadores	Fernanda Spanier Amador Maria Carolina de Andrade Freitas Maria Elizabeth Barros de Barros Fabio Hebert da Silva

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

2026







7

Fernanda Spanier Amador
Maria Elizabeth Barros de Barros
Maria Carolina de Andrade Freitas
Gabriel Telles Rocha

POR ENTRE CORPOS E RESTOS, DESAFIOS DO TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA

DOI: 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-506-0.7





SUMÁRIO



Foi em meio à crise pandêmica que o projeto de pesquisa *Narrativas do Trabalho Docente na Pandemia de Covid-19: pela memória do ofício práticas de cuidado na educação*[1] teve início. A pesquisa contou com dois dispositivos-chave: Rodas de Conversa e plataforma digital[2] de caráter interativo onde foram postadas histórias de trabalho na pandemia e cujo material alimentou, em determinados momentos, as conversas suscitadas nas Rodas. O material sobre o qual nos dedicamos neste capítulo foi produzido a partir de um dos três encontros realizados com cinco professoras e um professor da rede pública, os quais foram mobilizados por duas pessoas integrantes da equipe de pesquisa. Dada a riqueza das conversas tecidas, as análises geradas em tal Roda de Conversa terão lugar neste e em outros textos.

Enquanto vivíamos o isolamento e o distanciamento social, iniciamos a desenhar o projeto da pesquisa aqui em questão. Partindo das angústias experimentadas naqueles dias, formou-se um grupo de pesquisadoras e pesquisadores que colocou no centro de suas preocupações o que estaria se passando com docentes da educação básica naquele momento. Movido por um interesse em investigar algo que também o atravessava, tal grupo composto por professores e equipe dedicada aos estudos no campo da psicologia do trabalho, das clínicas do trabalho e da análise institucional interessou-se pela produção de uma memória do ofício docente na pandemia.

A proposta de produção de um memorial coletivo do ofício docente na pandemia afirma-se, nesse sentido, como potência de invenção do presente. Distante de uma perspectiva nostálgica de relembrar o passado como algo dado, propomos traçar as linhas do

1 As autoras e autor deste capítulo contaram com financiamento do Edital Universal CNPq/MCTI/FNDCT Nº 18/2021/ Processo CNPq 409825/2021-2, Edital do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica PROBIC FAPERGS (2023-2024) e BIC UFRGS (2024-2025; 2025-2026), concedendo bolsa de Iniciação Científica a Gabriel Telles Rocha e Edital nº 01/2022 PROGRAMA INSTITUCIONAL DE APOIO À PESQUISA – PAPQ/UEMG.

2 https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/





SUMÁRIO



ofício docente para ativar possibilidades de resistência, essas aqui entendidas como criação (Deleuze, 2006), alimentadas em meio aos desafios que a pandemia impunha. A dimensão do ofício como lastro que se atualiza no presente, já que é necessário atacar o ofício para que ele se sustente de pé, atacar no sentido de sua transformação, da ativação de outros possíveis quanto aos modos de vir a ser o que ainda não é era a matéria expressiva da memória que visamos produzir. Afinal, o que fazer com os rastros dessa intensa transformação?

O conceito de ofício com o qual operamos é tributário das formulações de Yves Clot (2013)[3]. Para o autor, ele é cultivado no lastro de uma história relativa a um meio profissional, história essa que contém os equívocos, os acertos, os fracassos e os sucessos relativos a tudo aquilo que foi experimentado pelas trabalhadoras e trabalhadores na experiência do trabalho.

> Essa história coletiva que desenha a palheta dos gestos possíveis ou impossíveis, fixa as fronteiras moventes do ofício em um tipo de teclado de subentendidos sobre o qual cada um pode tocar, não apenas escolhendo um certo gesto, mas também criando um outro mais elegante. Essa história tem como horizonte o desenvolvimento do poder de agir dos sujeitos sobre a organização do trabalho, para além da organização do trabalho; sobre a instituição, para além da instituição. Essa história é – em maior ou menor grau – um recurso decisivo para que a instituição conserve um devir e os sujeitos, sua saúde (Clot, 2013, p. 7).

A referência para pensar a saúde no e pelo trabalho para Yves Clot (2010), provém do pensamento de Georges Canguilhem (2001) que a considera como processo vital de relação com o meio, sempre infiel e impermanente, a nos desafiar em um processo constante e inacabado de criação de outros meios e normas para viver. Assim, a saúde não consiste em um ideal a ser alcançado, mas em

3 O ofício, na concepção do autor, não é sedentário. Ele vive graças às migrações funcionais que formam tanto ligações possíveis e impossíveis quanto rupturas entre quatro instâncias assim denominadas: impessoal, pessoal, interpessoal e transpessoal.





SUMÁRIO



normatividade que, aberta em relação com o mundo, permite invenções e movimentos de expansão do poder de agir (Clot, 2006; 2010), este se referindo à função de aumentar ou diminuir a capacidade de agir dos corpos ligada à expansão dos modos de fazer e pensar o trabalho. Trata-se de recriação de modos de viver e trabalhar.

Nossas questões dirigiram-se, então, para a esfera da experiência do trabalho que envolveu a distância entre o trabalho prescrito e o trabalho real. Tratou-se de acompanhar como se deu a experiência do trabalho docente naqueles dias de intensas mudanças nos modos de organização do trabalho, quais foram os desvios necessários e os trajetos traçados para produzir meio de existir e trabalhar naqueles dias, entendendo que a saúde no e pelo trabalho passa por esse movimento de vida em meio às forças que levam à imobilidade. Movimento este que produziu um trabalho docente outrado naqueles dias e cujas consequências ainda merecem análises nesse período já considerado pós-pandêmico.

O momento pedia desenhos de pesquisa que explorassem modos de relação no e pelo trabalho docente entre elementos diversos envolvidos neste ofício, bem como que impulsionassem relacionalidades outras pela própria metodologia de pesquisa experimentada, conforme sugere Haraway em entrevista para Goodeve (2015). Assim, seguindo as orientações metodológicas para acesso ao trabalho como atividade propostas por Clot (2006), ou seja, de que o objetivo não é perseguir as representações funcionais dos trabalhadores sobre seu trabalho, os rastros do dever ser do trabalho, e sim os percursos de como o trabalho se faz, para por aí ativar o acesso a um plano de devires do trabalho, a pesquisa pôs atenção na dimensão dialógico-cartográfica experimentada nas conversas. Dizemos dimensão dialógica porque buscamos acessar as linhas problemáticas tecidas por professoras e professores em meio às controvérsias do trabalho, também porque atentamos para as interferências dialógicas propiciadas pela equipe pesquisadora neste processo de conversação durante a pesquisa.





SUMÁRIO



Procuramos durante o percurso metodológico, o qual é entendido como sendo feito da proposição de dispositivos e da simultânea análise, atentar para como docentes faziam meio para trabalhar naquelas condições impostas pela pandemia. Assim, interessou-nos antes que a fala sobre a experiência do trabalho, a experiência do trabalho na fala, os movimentos e as paradas do fazer e do agir no trabalho docente que sempre vêm acompanhados de modulações subjetivas. Eis a dimensão clínica da análise em curso, pela experiência de crise experimentada na pandemia visamos acompanhar os fluxos do trabalho docente como atividade, isto é, as transformações de si e de modos de trabalhar diante dos inusitados e imprevistos trazidos com o coronavírus.

Neste percurso, exaltamos que o processo foi movido por análises-restituição suscitadas pela equipe pesquisadora que visavam amplificar uma capacidade analítica entre ela e as e os docentes envolvidos na pesquisa ao longo das conversas nas Rodas. Capacidade analítica que como efeito clínico, pode, e é isso que se almeja, favorecer a expansão da potência de agir no e pelo trabalho, objetivo esse explicitamente ligado à produção da saúde no e pelo trabalho, conforme indica Yves Clot (2010).

ANÁLISES POR ENTRE HISTÓRIAS DOCENTES: PERCURSOS DE UMA CLÍNICA PELA ANÁLISE DA ATIVIDADE

A história postada na plataforma intitulada "Lidar com o Imprevisto"[4], foi trazida pela equipe pesquisadora à conversa como

4 Ver em https://www.ufrgs.br/memoriadooficiodocente/lidar-com-o-imprevisto/, e/ou no capítulo *Narrando com restos: desafios do ofício docente*, deste livro.





SUMÁRIO



convite para desdobrar análises. Trata-se de uma experiência do imprevisível, mencionada pela professora, que indica a intensidade com que tiveram que lidar com infidelidades do meio (Canguilhem, 2001), isto é, com aquilo que nos escapa às previsibilidades, levando à criação de modos insuspeitos de trabalhar. Situação essa que se por um lado contemplou a possibilidade de uma experiência expansiva da potência de agir no e pelo trabalho, por outro nas condições experimentadas na pandemia, se desenhou de modo muito peculiar por estar sendo mobilizada por medo e incertezas.

Os recursos para agir no trabalho são alimentados no entre-corpos dos pares de ofício e, no caso do trabalho docente, no entre-corpos com estudantes também, bem como no entre-corpos humanos-máquinas. Tal díade humanos-máquinas na pandemia colocou desafios adicionais ao trabalho docente, de maneira que com a imposição do trabalho remoto sem tempo para prévio preparo e ainda, sem os recursos tecnológicos apropriados, muitas vezes, instauraram-se particulares desafios ao fazer e ao agir no trabalho na pandemia: um vazio de normas.

Podemos inclusive pensar que um dos elementos a ele referidos foi o fato de que à distância, professoras e professores desconheciam os ambientes familiares de seus discentes, suas condições físicas, materiais, econômicas e emocionais, elementos esses que, ao mesmo tempo, passaram a compor de modo especial, na pandemia, as pré-ocupações dos docentes no que tange aos modos de agir no trabalho. Dizemos de modo especial tendo em vista que sempre, mesmo no contexto habitual e presencial, tais preocupações compõem o trabalho docente de alguma maneira.

Outro aspecto interessante é relativo à necessidade de dizer "eu não sei" para as famílias. O relato de uma professora indica uma situação inusitada para ela, a de não poder oferecer certa confiança via orientações para enfrentamento da situação, o que parece importante para a realização do próprio trabalho docente uma vez





SUMÁRIO



que impacta emocionalmente as e os estudantes. A professora enquanto alguém que se oferece como vínculo seguro para o processo de aprendizagem, percebe-se na situação inusitada da pandemia deslocada dessa posição e, consequentemente, tendo que lidar com os efeitos disso. A tarefa de produzir novos sentidos, ou seja, dimensões singulares e acontecimentais, no, para e pelo próprio trabalho tendo em vista "não existir educação infantil remota[5]", segundo diz a professora, indica uma difícil tarefa: a de agir em um trabalho que ao não existir precisa ser feito de algum modo ainda inexistente, deparando-se com as surpresas inerentes ao real do trabalho, com imprevistos e intempestividades, e cujos indícios deixados pelo gênero profissional[6] podem se mostrar escassos dado o vazio de normas experimentado naquele momento. Exalta-se ainda, o fato de que naqueles dias, a interação com as crianças deu-se de maneira lacunar, com algumas foi possível, com outras não, segundo a professora. Essa situação de "perder" e de "perder-se" das crianças constitui, ao que parece, uma situação peculiar das e dos professores na pandemia: a pré-ocupação com "as crianças desaparecidas", conforme aparece nos diálogos.

Nas linhas que seguem, nas seções *Recomeços Incessantes ou da Intensa Normatividade*, *Necessidade de Coletivo: sobre Coletivo de Trabalho e Trabalho Coletivo, O que fazer com os restos de uma aula online: destinos e espaços da atividade* e *Fazer Corpo para um Processo de Trabalho no Entre Corpos Alterados*, discorremos analiticamente a respeito da tríade trabalho docente, subjetividade e saúde, na e a partir da pandemia.

5 A pesquisa focou em análises do trabalho docente da educação básica. Contudo, no transcorrer do processo, um grupo de professoras da educação infantil, que soube da pesquisa, solicitou participar do projeto de maneira que o acolhemos.

6 Gênero profissional consiste no estoque das criações produzidas na experiência do trabalho como atividade e que movimentado pela estilização, gera mais recurso para ação diante das infidelidades do meio que vêm.





SUMÁRIO



RECOMEÇOS INCESSANTES OU DA INTENSA NORMATIVIDADE

O tema dos incessantes recomeços apareceu na conversa em associação à palavra "imprevisto", mencionada na história postada na plataforma e empregada como dispositivo para a coanálise do trabalho como atividade na pesquisa. Recomeços relativos aos processos de trabalho que indicam a presença de uma persistente sensação de estarem gerando estratégias laborais inusitadas dadas às intensas infidelidades do meio que exigiam criação de outros meios para trabalhar, incluindo-se a instabilidade da presença de estudantes nas aulas. Trata-se de recomeços enquanto ato inaugural de modos de trabalhar, mas também como um persistente voltar ao começo no sentido de repetir com estudantes que, por dificuldades distintas, ausentam-se e fazem-se presentes intermitentemente nas aulas, as consignas já dadas ao restante do grupo, enquanto outros já se encontram em distintos momentos no processo.

O trabalho de repetição que porta, por sua vez, o gérmen da diferença, impôs-se no trabalho docente de modo peculiar; trabalho esse que uma vez mobilizado, põe em marcha percursos da atividade envolvendo demandas microgestionárias próprias. Podemos pensar que tais demandas instauram uma mobilização também peculiar no âmbito da dinâmica gênero e estilo profissional, uma vez que os tempos foram de intensa normatividade, isto é, de criação de meios para viver e trabalhar tal como indica Canguilhem (2001). No momento que docentes se embrenham nesse processo tão velozmente, corre-se o risco de certa sobrecarga uma vez que o processo que é ativado para lidar com a situação inusitada, logo se vê acompanhado de outras demandas em tempos e desafios distintos.





SUMÁRIO



> **Margarida**[7]**:** *Tá, vou começar. Já que é os começos eu fiquei pensando muito nisso, inclusive tava conversando com uma colega na volta da escola, o quanto a gente tá com a sensação de tá o tempo inteiro começando porque a cada momento chega um aluno, entra um aluno num grupo que não tinha vindo em nenhum dia ainda pra escola esse ano e que tá começando então a sensação de um looping em recomeços, começos e recomeços assim.*

Começos e recomeços que nos fazem pensar numa peculiar experiência normativa no processo de trabalho docente durante a pandemia. Se ser sujeito ativo de uma normatividade é condição para a saúde, o que pensar quando se impõem exigências de normatividade em alta velocidade? Se considerarmos como dissemos alhures (Amador, 2016) que a partir de Canguilhem exercer-se normativo implica experimentar o devir do trabalho em uma peculiar dinâmica de territorialização-desterritorialização, quais as consequências de certa intensidade gerativa de novas normas para dar conta das infidelidades do meio que proliferam? Afinal, quando a intensidade da dinâmica normativa se vê aumentada, tal como na pandemia, podemos pensar que durar nessa experiência anômala (Deleuze; Guattari, 1997), pode constituir uma experiência desafiadora. Deleuze e Guattari (2004) acenou que seria preciso forjar uma função muito especial para a dinâmica normativa, que não se confundisse nem com a saúde, nem com a doença: a função do anômalo. "O anômalo está sempre na fronteira, na margem de uma banda ou de uma multiplicidade; faz parte dela, mas fá-la passar para outra multiplicidade, fá-la devir, traça uma linha-entre" (Deleuze; Guattari, 2004, p. 58).

Ao mesmo tempo que experimentar a normatividade enquanto essa possibilidade criadora de si e de um trabalho é caminho para a saúde, quais os desafios que se colocam tendo em vista

7 Os nomes das pessoas participantes da pesquisa foram substituídos por nomeações fictícias de maneira a preservar o princípio da não identificação.





SUMÁRIO



o necessário trabalho coletivo a fim de alimentar um coletivo de trabalho, tal como propõe Yves Clot (2010)?

Essa peculiar experiência dos constantes recomeços remete para o tema do coletivo[8] no âmbito da experiência do trabalho, notadamente para a importância do coletivo de trabalho que consiste no gênero profissional e do trabalho coletivo que envolve partilha e analíticas referentes à experiência de trabalho (Clot, 2010).

NECESSIDADE DE COLETIVO:
SOBRE COLETIVO DE TRABALHO E TRABALHO COLETIVO

Prosseguindo a conversa, aparece entre docentes o desejo de que mais professoras e professores participem das Rodas de Conversa propostas pela pesquisa. Este elemento se fez presente, invariavelmente, em todos os grupos que se formaram para participação no projeto. Coletivo de pares em processo de trabalho, almejados para lidar com uma espécie de ausência de uma espécie de "coletivo de aprendizagem" produzido com as e os estudantes.

> **Margarida:** *...até eu tava com esperança de conseguir mais pessoas lá da minha escola, mas assim a gente tá com uma sobrecarga muito grande de trabalho, então acredito que várias pessoas gostariam, mas todas impossibilitadas assim... tanto é que eu quase não consegui tá aqui hoje porque eu ainda tenho tarefas depois a fazer da escola. (...) também me interesso em estar aqui pra perceber essa dinâmica da pesquisa no ambiente online porque eu vou ter que fazer a minha pesquisa também nesse ambiente.*

8 O conceito de coletivo aqui empregado por vezes envolve o sentido de pessoas em contato para pensar o trabalho, mas também e, sobretudo, como um modo de funcionamento de grupos que se sustentam pela produção de diferença, pelo trânsito por um plano de forças que faz advir diferença, criação. Em outros momentos, coletivo será entendido como gênero profissional.





SUMÁRIO



Podemos pensar que obter maior participação de pares do ofício para as rodas de conversa figurava como necessidade diante do isolamento e distanciamento social e, também, que participar de momentos como aqueles que se oportunizaram pela Roda de Conversa da pesquisa, consistia em situação de experimentação de uma situação que se mostrava inédita. Tratava-se de uma espécie de "formação a quente" referente aos modos de lidar com os desafios do trabalho naquele momento, afinal, transportar-se integralmente para o ambiente virtual de uma hora para outra trazia desafios enormes, desafios esses da ordem de um intenso (im)preparável para o trabalho. Não havia tempo para preparar-se, não havia tempo para "esfriar a cabeça", havia convocação intensa para entrar em atividade, para enfrentar o real do trabalho em tempos de muita incerteza e risco.

O interesse de participar da pesquisa como modo de experimentar o meio digital que se impunha naquele momento indica também uma necessidade da professora de fazer a experiência inédita desse meio para exercer a própria docência naquelas condições, bem como para exercer a pesquisa na qual se encontrava envolvida por seu curso de pós-graduação.

Uma peculiaridade ocorrida durante esse processo de conversa na Roda indica que o emprego dos recursos tecnológicos para realização da pesquisa pode colocar obstáculos à conversação demandando, frequentemente, esclarecimentos, relativos a mal-entendidos referentes ao processo de trabalho e à experiência que faziam do trabalho naquele momento. Uma professora que acessa o grupo pelo Whatsapp se apresenta e fica para o restante do grupo uma dúvida devido ao fato de ela ter escrito no *chat* que se encontrava sem possibilidades de chamada de vídeo: tratava-se de professora de Educação Física ou do ensino fundamental? Tal pergunta pode parecer banal, no entanto, no curso da conversa que se dava, para entender a problemática que colocava era-nos importante saber, efetivamente, qual a peculiaridade de sua área de atuação no ofício docente em análise. Esta situação ajuda-nos a exemplificar os





SUMÁRIO



mal-entendidos que, por vezes, tiveram lugar no trabalho docente tendo em vista a não presencialidade imposta pela pandemia.

A dimensão do coletivo de trabalho e do trabalho coletivo na pandemia consiste em um aspecto relevante que o material analítico gerado pela pesquisa suscita. O trabalho como atividade envolve sempre um coletivo, envolve produção de memória, produção de um gênero profissional e de uma dinâmica de estilização que se faz recurso para agir diante dos inéditos a enfrentar. Os comentários das professoras e professores indicando a necessidade de falar com seus pares a respeito do que se passava indica a importância da efetivação de um trabalho coletivo, movimento analítico do trabalho como atividade, a fim de produzir um coletivo de trabalho, um gênero que é permanentemente retocado pela estilização amplifica, ou ao menos colabora com a amplificação do poder de agir no e pelo trabalho. Segundo Clot (2010), toda forma de trabalho coletivo exige chegar a acordos e negociar para superar os conflitos do real. Naqueles tempos de pandemia, a angústia de poder prosseguir na tarefa de realização do trabalho coletivo que gera coletivo de trabalho parece ter sido intensa. Angústia de precisar seguir na produção de uma história comum de reorganização do trabalho coletivo por um coletivo de trabalho ainda que em meio a incertezas imensas. Naqueles dias a história aberta de uma estilização genérica indispensável para conservar, diante do real, uma capacidade de agir conjuntamente, parecia estar sob ataque.

O QUE FAZER COM OS RESTOS DE UMA AULA ONLINE:
DESTINOS E ESPAÇOS DA ATIVIDADE

O tema da natureza da conversa realizada por meios digitais também é retomado pelo professor quando menciona sua pesquisa





SUMÁRIO



e indica a experiência que teve com recursos tecnológicos nesta, tendo em vista que a realizou já na pandemia.

> **Hibisco**:*...eu ouvi histórias de docentes do colégio de aplicação, de teatro, e eu conversei com 3 professoras, foram 6 professoras que eu conversei, 3 foram no modo presencial e 3 no modo remoto, foi bem no meio assim da pandemia de perceber essas diferenças assim na abordagem (...) acho que foi Ecleia Bosi uma das referências que fala que as maiores revelações elas acontecem depois que tu desliga o gravador, quando tu tá no portão da casa, saindo, indo embora e vem aqueles registros, aqueles flashbacks, aqueles insigths (...) e o virtual tem esse tempo restrito... não é restrito... tem o tempo de tal hora até tal hora acabou, desligou, se eu lembrar depois eu não vou poder ... não... volta aqui que eu tenho uma coisinha pra te falar!*

A fala do professor faz-nos pensar sobre algo do trabalho docente na pandemia e que se refere ao que chamamos de "destinos da atividade", os quais seriam proliferações afetivas geradas pelo que foi experimentado no e pelo trabalho, aquilo que "resta" de uma aula *online* realizada, como sugere o professor, depara-se com uma certa experiência do espaço distinta do habitual. Ou pelo menos, devido às reticências empregadas na fala do docente, parece ser experimentado de modo distinto do que em situação presencial. Fecham-se as janelas, acabam-se os contatos em uma experiência espacial que, inseparável de uma dimensão temporal, implica em uma gestão dos afetos distinta do habitual. Será possível retomá-los? Nem sempre, depende das condições de conexão, por exemplo. A questão dos navegadores, ficar com "tudo aberto ao mesmo tempo" fala muito de como estivemos no ofício vivendo a experiência do tempo e do espaço durante a pandemia. Questões tais como: onde vou armazenar isso? Que lugar vou dar e em que momento esse elemento vai voltar, em qual tela, com qual grupo em qual situação, por exemplo, parecem ser recorrentes no trabalho docente em tempos de pandemia gerando uma espécie de volatilidade na experiência do trabalho como ofício, já que os trajetos-destinos da atividade precisaram encontrar outros meios.





SUMÁRIO



FAZER CORPO PARA UM PROCESSO DE TRABALHO NO ENTRE CORPOS ALTERADOS

O fluxo das apresentações, neste primeiro encontro com o grupo de professoras e professor, foi trazendo elementos capazes de produzir um plano comum de pensamento, um plano comum como espaço coletivo de pensamento. Ingredientes eram oferecidos referentes a como a questão do trabalho docente na pandemia vinha fazendo problema aos professores e professoras, fazer problema que aqui entendemos como operação que permite pensar. Um desses planos refere-se a como seria retornar à escola presencial. Nesse momento a pesquisadora compartilha uma epifania: "fiquei pensando em como seria voltar à universidade e chegar lá com tudo em ruínas e aqueles seres sem boca chegando (...) como serão os encontros (...)".

O pensamento dos seres sem boca, em uma alusão ao uso das máscaras, indicava suportar sentidos relativos a um novo corpo cujos caminhos expressivos encontravam-se alterados pela pandemia. O curso da conversa que segue se faz de questionamentos relativos à qualidade dos encontros na volta ao presencial, e a como aconteceriam tendo em vista a necessidade de cumprir regras de distanciamento social e enfrentar os desafios da presencialidade, desafios esses intimamente relacionados à certa experiência do corpo. A epifania acima descrita indicando "seres sem boca", aludiria a algo da ordem de certa incomunicabilidade, alteração do corpo que faz uma experiência e sustenta meios de expressão. Assim a dimensão do corpo, mobilizada na conversa em conexão com o tema da presença, abre percursos analíticos à dimensão da atividade que se fez necessária naqueles dias.

Por outro lado, poderíamos problematizar os "seres sem boca", como aludiu a pesquisadora, não apenas referido à certa





SUMÁRIO



incomunicabilidade, mas sim como uma dimensão de partilha comum do real daquele momento: pois usar máscaras naquela situação, como nos mostrou Dunker (2020), era assumir o valor da vida individual e da vida coletiva, estarmos todos de máscara, sem bocas, arranjou-nos num outro espaço comum. Aquele que se recusasse a estar na nova condição "de um ser sem boca" poderia trazer riscos a série de outros. A crise política e sanitária experimentada na Covid-19 criou, conforme aponta Dunker (2020), verdadeiras redes de ódio, culpabilização e demandas de morte e com isso enfrentou-se também a tarefa coletiva de encontrar outros modos de seguir adiante. A interrogação da professora: "fiquei pensando em como seria voltar à universidade e chegar lá com tudo em ruínas e aqueles seres sem boca chegando (...) como serão os encontros (...)", colocou a atividade docente diante de elementos disruptivos. Se por um lado, na gramática paranoica, segundo Dunker (2020) se apresentaram dois polos em guerra, um em negação do outro, por outro lado, a mesma situação sem precedentes concorreu para a produção de uma pergunta ética sobre a vida coletiva: estamos dispostos a viver de outro jeito? Como construir outros modos de distribuição e de produção de comum? O exemplo do uso de máscara lembrou-nos de nossos destinos comuns. Não mais podíamos apenas escolher individualmente. Situações paradigmáticas trazem a iminência do real e nos mostram o quanto as nossas decisões nos vinculam ao campo comum. Dunker (2020) faz uma distinção entre o "in-fectio" e o "a-fectio". Ele mostra que na dimensão do "in-fectio" se demonstra o sentido da infecção por intrusão de objeto estrangeiro e que, em contrapartida, a capacidade de construção diante do caos e do imprevisível mostra a via de criação de redes de "a-fectio", como dispositivos de afetação e produção de diferença solidária.

Corpo para sustentar vínculo sem estar presente fisicamente, corpo para sustentar vínculo em volta às escolas ainda com altas restrições sanitárias devido ao processo gradual de vacinação, corpo para sustentar vínculo por meio de tecnologias digitais. Era preciso





SUMÁRIO



criar meio-corpo para viver junto no trabalho docente durante aquela situação absolutamente atípica da pandemia. Meio que implicasse em certa confiança e cuidado ao mesmo tempo em que se experimentava um corpo sentido como estranho. Um corpo estranho.

Donna Haraway (2023) nos leva a pensar nos muitos e distintos parentescos que que se fizeram necessários e que exigiram estratégias para sua criação. Parentesco com máquinas, com animais, com as panelas no fogão enquanto se trabalhava de casa, com pessoas cujos corpos passaram a se resumir a "bustos" nas telas dos computadores. Tratava-se de uma experiência de ofício cujo gênero profissional efetivamente "viu-se" atordoado. Como agir no trabalho no entre corpos-estranhos? Quais os fluxos afetivos e seus códigos naquelas condições? Onde e como se encontravam esses corpos?

O desafio de fazer corpo para trabalhar naquelas condições exigiu das professoras e professores intensa atividade, do mesmo modo que colocou desafios a produção de uma memória daquele processo. Diz a professora Hortênsia: "*eu posso seguir porque, eu pensei, eu não organizei, não organizei em tópicos, pode ser que eu me perca, eu pensei não sei não tenho nada pra falar, a memória é muito recente...*".

Essa expressão bonita da qual a professora se vale: "pode ser que eu me perca" e que ela liga à experiência de uma "memória muito recente" que quase não a autoriza a falar, por não ter sido preparada, "organizada em tópicos", explora uma questão valiosa na discussão do ofício como ofício da memória. Naquele momento, a atividade estava relançada com força ao movente e ao fugidio. Tivemos que assumir outras proposições para o que se toma comumente como memória, diferenciá-la da noção corrente como aquilo que se fixa e se repete. E afirmar uma memória como campo relacional dos restos e ruínas em cena, imbricados, conectados. Não uma memória no sentido de um baú de pertencimento, segurança ou certeza, e sim, uma memória como aposta ética de contornos incalculáveis





SUMÁRIO



contra o esquecimento daquilo que atravessávamos. Uma aposta viva e presente. Uma memória como índice de impressões sensoriais, que mesmo no ínfimo do acontecimento pode deixar seu vestígio e convocar nossa atenção.

A ideia de que a memória é muito recente trazida pela professora parece indicar um necessário trabalho a fazer quando se processa uma analítica clínica do trabalho, com pares e pesquisadoras, levando-se em conta o momento do trabalho docente na pandemia. A memória recente mencionada pela professora parece indicar uma intensidade e profusão de experiências naquele período que necessitava decantação, processamento, atribuição de sentido. Afinal, que contornos dar à materialidade expressiva de uma experiência vivida no calor de uma situação pandêmica? Estaria sendo esse início de conversa na Roda uma provocação ao diálogo acerca das intensidades vividas na pandemia?

A seguir, uma articulação é feita pela professora com a epifania da pesquisadora:

> **Girassol:** *...eu tava imaginando o prédio assim com dispensers de álcool gel (faz com as mãos a imagem do dispenser), uma forma intervenção, tapetes sanitizantes até a PUC, uns indo pela Bento, uns pela Ipiranga, assim viajando assim, porque é esse retorno que não chega e a gente sem perspectiva nenhuma, e a gente sabendo que tem estudantes em sofrimento e uma dificuldade da gente discutir enquanto coletivo.*

Angústias relativas ao retorno prosseguem indicando, no entanto, que a falta de perspectiva para o retorno não significou ausência de atividade por parte das professoras e professores, uma vez que havia conexão com a situação dos estudantes em sofrimento e havia situações emergentes demandando conversa entre docentes, entre outros desafios. A imagem de uma cidade sanitizada permitindo meio para transitar em segurança parece indicar um desejo, o de criar corpo-meio para agir e existir em meio à pandemia.





SUMÁRIO



REFERÊNCIAS

AMADOR, Fernanda Spanier. Um posfácio, uma conversa. *In:* SILVA, Cláudia Osório da; ZAMBONI, Jéssica; BARROS, Maria Elizabeth Barros de. (orgs.). **Clínicas do trabalho e análise institucional**. Rio de Janeiro: Nova Aliança, 2016.

CANGUILHEM, Georges. Meio e normas do homem no trabalho. **Pro-posições**, Campinas, v. 12, n. 2–3, p. 109-121, 2001.

CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho**. Petrópolis: Vozes, 2006.

CLOT, Yves. **Trabalho e poder de agir**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CLOT, Yves. O ofício como operador de saúde. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 16, n. esp. 1, p. 1–11, 2013.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo:** capitalismo e esquizofrenia. Vol. 1. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

DUNKER, Cristian Ingo Lenz. Prefácio à edição brasileira. *In:* ŽIŽEK, Slavoj. **Pandemia:** Covid-19 e a reinvenção do comunismo. São Paulo: Boitempo, 2020.

HARAWAY, Donna; GOODEVE, Thyrza Nichols. Fragmentos: quanto como uma folha. Entrevista com Donna Haraway. **Mediações**, v. 20, n. 1, p. 48-68, 2015.

HARAWAY, Donna J. **Ficar com o problema:** fazer parentes no Chthluceno. Tradução de Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023.